



COMO CONTRIBUIR PARA UMA SOCIEDADE **ANTIRRACISTA**

Um guia pra quem acredita
na garantia de TODOS
os *Direitos Humanos*



COMO CONTRIBUIR PARA UMA SOCIEDADE ANTIRRACISTA

Um guia pra quem acredita na garantia
de TODOS os Direitos Humanos

ANISTIA
INTERNACIONAL



SUMÁRIO

QUEM SOMOS	4
O PROJETO	5
APRESENTAÇÃO	6
AFINAL, O QUE É RACISMO?	8
Racismo X Direitos Humanos: o que têm a ver?	8
Muito além dos xingamentos: as diversas maneiras pelas quais o racismo se manifesta	10
O RACISMO ESTÁ EM TODO LUGAR	11
O que as pessoas pensam que é racismo X O que também é racismo	13
O que você pode fazer por uma sociedade antirracista?	17
<i>TODA FRIDAY É BLACK</i>	31
REFERÊNCIAS	32



QUEM SOMOS

A Anistia Internacional é um movimento global que realiza ações, pesquisas e campanhas para que os direitos humanos sejam usufruídos por todos os indivíduos em qualquer lugar do mundo. Independente de ideologias políticas, interesses econômicos ou religiões, a Anistia incide sobre governos e outros grupos poderosos, como empresas, jogando luz sobre violações de direitos e mobilizando pessoas por mudanças reais no mundo.

Esta publicação deriva da campanha “Toda Friday é Black”, uma iniciativa de promoção do antirracismo que contou com o apoio da ONG Criola, Geledés - Instituto da Mulher Negra, Olodum, CEDENPA - Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará e Conaq - Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas.



O PROJETO

Como contribuir para uma sociedade antirracista: Um Guia para quem acredita na garantia de TODOS os Direitos Humanos

A campanha “Toda Friday é Black” é um movimento que pegou carona na #blackfriday para construir um espaço frequente na agenda semanal, com o objetivo de ampliar a consciência e mobilizar contra o racismo. Com este guia, buscamos alcançar ainda mais pessoas que se importam com as tragédias que o racismo produz e que desejam enfrentar e mitigar as violações de direitos que afetam a população negra.

Apoio

Ford Foundation

Realização

Anistia Internacional Brasil

Parcerias

Criola

Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará - CEDENPA

Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas – CONAQ

Olodum

Portal Geledés

Projeto Editorial e Gráfico

Agência Narra

Apoio:



Realização:



Parcerias:



PORTAL GELEDÉS.

APRESENTAÇÃO

“

Numa sociedade racista, não basta não ser racista. É preciso ser antirracista”

Angela Davis



Angela Davis em "The Black Power Mixtape 1967-1975" (2011)

Você já deve ter se deparado com essa afirmação. A autoria é da filósofa Angela Davis, ativista da luta por direitos para a comunidade negra dos Estados Unidos. Até hoje ela convoca pessoas ao redor do mundo a se mobilizarem por uma sociedade mais justa e sem racismo.

Quem não quer viver em um lugar onde todas as pessoas são respeitadas e têm acesso a serviços públicos de qualidade, como um bom atendimento de saúde, moradia com rede de esgoto, água limpa, boas escolas e segurança?

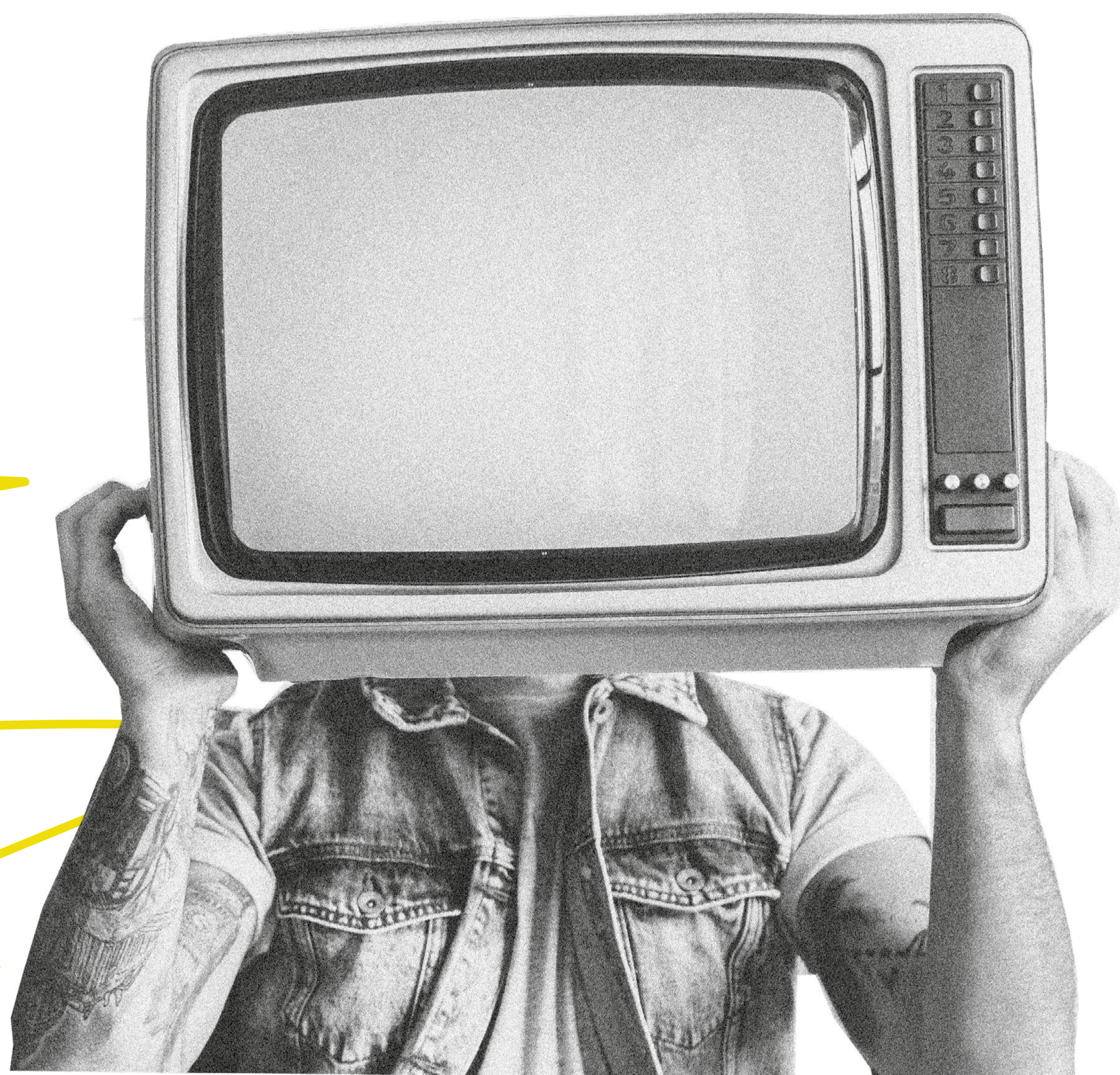
Mas não é assim que funciona no

Brasil, um país de estrutura desigual e historicamente marcado pelo racismo. Muita gente por aqui pensa que o racismo é praticado por pessoas más que gostam de ofender outras em relação ao tom da pele ou à textura do cabelo, mas ele vai muito além disso. O racismo impede que a cidadania e o acesso das pessoas a direitos garantidos na Constituição Federal sejam uma realidade de todos os brasileiros e brasileiras.

O racismo é uma realidade diária na vida de milhões de pessoas e,

diante de tantas notícias e dados sobre o tema nos últimos anos, é bem provável que você tenha se questionado o que pode fazer. Por isso, este guia quer te ajudar a dar mais um passo, conhecendo e refletindo um pouco mais sobre o racismo e seus impactos na vida e nos direitos das pessoas negras e indígenas. Ele é mais um produto da “Toda Friday é Black”, uma campanha da Anistia Internacional Brasil e organizações parceiras que, pegando carona na #blackfriday, propôs que dedicássemos ao menos um dia da semana a ampliar nossa consciência sobre o racismo e nossa mobilização contra as violações de direitos que ele produz.

Queremos te inspirar a adotar práticas antirracistas no seu dia a dia e, a partir delas, contribuir para a construção de um país onde todo mundo tenha acesso aos seus direitos sem discriminação. Vamos nessa?



AFINAL, O QUE É RACISMO?

O racismo é um sistema de poder que institui e reproduz desigualdades na medida em que privilegia alguns grupos às custas de diversos prejuízos infligidos a outros, criando a ideia de raça baseada na cor da pele ou na origem. É uma produção ideológica, política, social e histórica que se apoia na ideia de que um grupo racial é superior a outro, gerando um sistema de desigualdades que passam a ser internalizadas, institucionalizadas e normalizadas no cotidiano social. Este sistema desigual permite que homens, mulheres e crianças negras e indígenas sejam oprimidas, violentadas e tenham seus direitos desrespeitados.

O racismo permite também que muitas pessoas acreditem que suas conquistas e reconhecimentos são resultado apenas de seu próprio esforço ou mérito. Mas é preciso reconhecer que as

desigualdades raciais concedem privilégios àqueles e àquelas que são parte do grupo considerado racialmente superior, na medida em que criam obstáculos para que pessoas classificadas como racialmente inferiores cheguem ao mesmo lugar. Nós, brasileiras e brasileiros, já sabemos bem quem integra estes grupos, não é? Sabemos que são as pessoas negras e indígenas, que são inferiorizadas pelo racismo no Brasil. Isso significa que não dá para construir um país igualitário sem enfrentarmos o racismo em suas diferentes dimensões, arraigadas na forma como nós, sociedade, nos organizamos e vivemos. Se queremos uma sociedade igualitária, na qual os direitos humanos sejam vividos por todas e todos sem exceção, temos que reconhecer que o antirracismo é urgente. E mais, o antirracismo é um dever de todas e todos.

RACISMO X DIREITOS HUMANOS: O QUE TÊM A VER?

Os direitos humanos são o conjunto de direitos que todas as pessoas, em todo o mundo têm, para garantir sua dignidade enquanto seres humanos. Estes direitos são, portanto, universais e interdependentes. Ou seja, se um direito fundamental é violado, por exemplo, o direito à alimentação, outros direitos também não poderão ser garantidos de maneira efetiva, como os direitos à saúde e à vida.

As normas de direitos humanos determinam que todos os direitos sejam exercidos por todas as pessoas, sem discriminação de nenhum tipo: raça, cor, gênero, etnia, religião, idioma, opinião política, origem nacional, deficiência, entre outros. Visto que o racismo é uma ideologia que cria um sistema de poder e opressão baseado na desigualdade entre os grupos raciais, ele consiste em um grave problema, uma violação de direitos humanos. Isto se dá uma vez que as desigualdades raciais são determinantes no processo de garantia ou de negação de direitos. Os exemplos estão explícitos no nosso dia a dia.

O estudo “Efeitos da pandemia na alimentação e na situação da segurança alimentar no Brasil”, produzido pela Universidade Livre de Berlim, indica que a população negra sofreu mais com a insegurança alimentar em 2020, quando a pandemia da Covid-19 aprofundou uma crise sanitária e de direitos humanos sem precedentes em nosso país. Em 2021, com as consequências sociais da pandemia, 38% das mulheres negras passaram a viver em situação de pobreza e 12,3% delas estão convivendo com a miséria, segundo uma pesquisa da Universidade de São Paulo (Gênero e Raça em Evidência durante a Pandemia no Brasil: O impacto do auxílio emergencial na pobreza e na extrema pobreza)”.

Ao olharmos para o direito à educação, por exemplo, vemos que estudantes negras e negros já estavam afetados pelas desigualdades educacionais mesmo antes da pandemia. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2020, dez milhões de jovens entre 14 e 29 anos não completaram a educação básica, especialmente porque foram obrigados a trabalhar. Desse total, 71,7% são negros e negras.

O racismo produz, portanto, um sistema de violações de direitos à medida em que restringe o acesso a direitos a determinado grupo racial, em prejuízo deste e o mantendo em constante condição de desigualdade.



MUITO ALÉM dos ofensas: *as diversas maneiras pelas quais o racismo se manifesta*

O racismo é um problema de toda a sociedade. Isto significa dizer que ele é um problema meu, seu, de cada uma e cada um de nós. Não é simples reconhecer nossa própria participação na produção e reprodução do sistema racista, não é? Mesmo quando reconhecemos ações e atitudes racistas na sociedade, muitas e muitos de nós se recusam a admitir estas mesmas ações e atitudes como suas também, pois isto choca, assusta, fere. Porém, atravessar este processo de autoconhecimento é mais do que necessário para que se possa genuinamente agir em favor da mudança e do bem comum e se juntar àqueles que se esforçam para visibilizar como o racismo opera e como ele faz com que pessoas negras e indígenas vivam suas vidas em regime de opressões e violências. Uma pesquisa do Instituto Locomotiva aponta que 84% das pessoas percebem o racismo no Brasil, mas apenas 4% se consideram racistas. Ou seja, é necessário um esforço amplo e compartilhado, para darmos mais este passo fundamental

no enfrentamento ao “nosso” racismo. Mas por que tanta gente resiste em reconhecer que o racismo está em nós, entre nós? Algumas pessoas consideram o racismo como uma questão moral: quem é “mau” pratica discriminação racial, mas quem é “bom” não tem nada a ver com isso. E ele vai além, não é? O racismo não se resume a agressões explícitas, como xingamentos, agressões físicas ou na tentativa de manter distância das pessoas negras. É evidente que estas atitudes são parte visível de um sistema de violências e exclusões, porém é importante considerar que ao pensar desta forma parece que damos algum conforto a quem não xinga nem agride uma pessoa negra ou indígena, por exemplo. Se ela não exerce esse tipo de violência, então ela não faz parte do problema. Mas não é bem assim. Todo mundo que vive sob um sistema racista é, em maior ou menor medida, parte do problema. A boa notícia é que, da mesma forma, é possível ser parte da solução e da mudança, basta querer.

O RACISMO ESTÁ EM TODO LUGAR

Já dissemos antes que o racismo é um sistema que abarca diferentes dimensões. Está presente na cultura, nas leis e nas instituições, em seus modos de funcionamento e em suas práticas cotidianas. Isso significa que práticas, processos e estruturas são forjados gerando e reproduzindo desigualdades, privilegiando quem é considerado racialmente superior. O racismo, que chamamos de sistêmico ou estrutural, tem muitas faces e muitas formas de expressão. Entre elas:

- a.** pessoal ou internalizada, que influencia sentimentos e condutas;
- b.** interpessoal, que se expressa em ações e omissões, visíveis nas violências entre as pessoas;
- c.** institucional, quando processos, políticas e práticas institucionais produzem ou promovem maior ou menor acesso a serviços e ações, o que inclui também maior ou menor acesso a informações relevantes; maior ou menor participação de pessoas e grupos em processos de decisão e na maior ou menor disponibilidade de recursos.
- d.** Racismo Ambiental: expressão criada nos anos de 1980 pelo estadunidense e ativista dos direitos civis Benjamin Chavis ao observar que onde viviam as comunidades negras e pobres, existiam as piores condições de saneamento básico, com atividades danosas à saúde como a existência de lixões, assim como são os que mais sofrem com as injustiças climáticas e com as problemáticas nas políticas ambientais.
- e.** Racismo Religioso: demarca que se trata de racismo e não apenas, intolerância religiosa. Significa dizer que são, sobretudo os Povos Tradicionais de Matrizes Africanas os mais perseguidos, com seus terreiros e casas invadidas e seu direito de liberdade religiosa é violado todos os dias.



Do lado oposto, nas posições de menor prestígio e remuneração, nas instituições de educação com recursos escassos e nas comunidades de menor renda, estão as pessoas negras e indígenas. Para estes, além da falta de oportunidades, existem barreiras que impedem seu acesso às mesmas posições, especialmente as mulheres. É como se para chegar em um determinado ponto, um grupo de pessoas contasse com o auxílio de uma escada rolante, enquanto o outro grupo tivesse que pular obstáculos, muitos deles violentos e às vezes mortais. E isto não é algo espontâneo ou coincidência. É, na verdade, produto do racismo.

Imagina o que mais essa engrenagem é capaz de fazer! São instituições públicas e privadas, são as políticas, práticas, cultura organizacional e até mesmo corporativa, que produzem ou reforçam desigualdades. São pensamentos, sentimentos, processos, políticas e visões de mundo, que estabelecem o que é adequado ou inadequado, o que é belo ou aceitável no ambiente social ou laboral, o lugar social que se espera que os diferentes grupos raciais desempenhem na sociedade. E esta visão é reproduzida e disseminada pelos meios de comunicação, normalizando estes lugares sociais.

Você já sabe, até aqui, o que isso tem a ver com direitos humanos, não é? **TUDO!**



O QUE as pessoas pensam que é racismo **X O QUE** também é racismo

‘Vai ficar na minha senzala’, diz médico que acorrentou homem negro em Goiás e depois alegou ‘encenação teatral’

Polícia abre inquérito para investigar suspeita de racismo de Márcio Antônio Souza Júnior que postou em suas redes imagens de homem de 37 anos imobilizado em uma escola na zona rural na cidade de Goiás, interior do Estado

Fonte: <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/vai-ficar-na-minha-senzala-diz-medico-que-acorrentou-homem-negro-em-goias-e-depois-alegou-encenacao-teatral/>

RIO DE JANEIRO

Empresária denuncia caso de racismo em padaria de Ipanema: 'Achou que ia pedir dinheiro'

Sara Fonseca gravou vídeo da porta do estabelecimento na rua Visconde de Pirajá fazendo denúncia

Fonte: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2022/03/6352754-empresaria-denuncia-caso-de-racismo-em-padaria-de-ipanema-achou-que-ia-pedir-dinheiro.html>

Acusado de furto na Zara, homem é retirado de banheiro para 'devolver' mochila que comprou: 'Humilhado por ser negro'

Morando na Bahia há sete anos, Luís Fernandes Júnior é natural de Guiné-Bissau e relatou ao g1 situação no Shopping da Bahia, um dos maiores centros de compras de Salvador. Loja afastou uma funcionária.

Fonte: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2021/12/30/acusado-de-furto-na-zara-homem-e-retirado-de-banheiro-por-seguranca-para-devolver-mochila-que-comprou-humilhado-por-ser-negro.ghtml>

Toda semana você se depara com alguma notícia semelhante a essas. É verdade que, quando pensamos em racismo, o que nos vem à cabeça são aquelas situações mais visíveis, relacionadas à agressão verbal ou mesmo à violência física. Mas já falamos aqui que ele é mais complexo e profundo, pois é uma ideologia que gera mecanismos de poder e privilégio que oprimem e violentam um grupo racial em detrimento de outro, gerando e perpetuando desigualdades. Portanto, é possível entender que há impactos sobre os direitos humanos, gerando barreiras que reduzem ou impedem o acesso e o exercício de direitos das pessoas negras e indígenas de diferentes formas.



Para milhões de famílias brasileiras, hábitos comuns como beber água, tomar banho e ir ao banheiro são um desafio cotidiano, embora façam parte dos direitos fundamentais de cada uma e cada um. Os direitos dessas pessoas têm sido violados, o que gera desigualdades, e faz com que tais acessos sejam considerados um privilégio. De acordo com o Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS), 47% dos brasileiros não têm acesso à rede de esgoto e, segundo dados oficiais do IBGE (PNAD Contínua, 2018), a maioria das pessoas sem acesso regular à água tratada e aos serviços de coleta de lixo e esgotamento sanitário é negra.

Essas desigualdades fazem com que a população negra esteja mais exposta a doenças e consequências provocadas pela falta de saneamento e água potável.

vel. Ou seja, as pessoas negras têm seu direito à saúde afetado de forma desproporcional, quando comparados às pessoas brancas.

Pessoas e populações que têm seu acesso a direitos básicos impedidos terminam por ser as mais atingidas em situações de crises sanitárias e humanitárias. É o que assistimos também durante a pandemia da Covid-19: as pessoas negras, principalmente as que moram em quilombos, favelas, rios, florestas, aldeias ou regiões periféricas do campo ou das cidades e indígenas, além da maioria de trabalhadoras e trabalhadores informais e dos serviços essenciais, vivenciam maior risco de adoecer e morrer por esta doença. Em 2020, na cidade de São Paulo, um estudo produzido pelo Instituto Pólis (Raça e Covid no município de São Paulo), comprovou que os bairros da cidade com maior concentração de população negra e pobre tiveram o triplo das mortes por Covid-19 em comparação aos bairros mais centrais, onde a maioria dos habitantes são brancos. E isto não é por que o vírus é mais perigoso para negros e pobres do que para brancos, mas porque a falta de condições básicas vividas pelas principais vítimas de racismo impediu que pudessem ter o direito de “ficar em casa” e acessar os equipamentos de segurança, de saúde e os cuidados médicos adequados ou serem cuidadas adequadamente. Esta é uma das faces mais dolorosas das desigualdades raciais.

Bruno Sousa, de 23 anos, conhece bem o que a falta de políticas públicas de saneamento básico acarreta às favelas e periferias do Rio de Janeiro.

Nas três comunidades onde morou nas zonas oeste e norte da cidade, o jornalista percebeu como o racismo ambiental funciona.





Na Cesar Maia você tem que levar o seu lixo até os centros de coleta da Comlurb, que muitas vezes **ficam superlotados**. A *coleta também não funciona* regularmente, o que gera um problema com infestação de ratos e de outros animais que causam doenças”.

“Rio das Pedras é uma área com mangues, então com frequência ocorrem **alagamentos** e as **casas** desabam”.

“No Jacarezinho, como **não tem coleta de lixo regular**, as pessoas descartam o lixo num valão que corta a favela. Quando chove, o valão transborda e **invade as casas** e os moradores perdem tudo. Já vi essa cena se repetir muitas vezes”.

“As crianças **brincam no terreno de uma fábrica desativada** onde existem metais tóxicos. Mesmo perto do centro da cidade, o Jacarezinho **está esquecido pelo governo**, porque as pessoas que moram lá são negras. Duvido que no Leblon haveria um **terreno radioativo** prejudicando os moradores...”



O relato do Bruno mostra como um sistema de privilégios gera desigualdades e violação de direitos humanos. Aponta também como o exercício de direitos básicos, tão necessários à dignidade humana, são desconsiderados em determinados territórios. Fica evidente ainda como a institucionalidade ignora e não dá prioridade ao investimento para solucionar estas desigualdades. Por isso, não existe qualquer perspectiva de vida digna e igualitária para todos e todas que não passe pelo

enfrentamento e superação do racismo estrutural. Se acreditamos que todas as pessoas devem ter seus direitos garantidos, é nosso papel agir para mitigar esse problema.

O QUE VOCÊ pode fazer por uma sociedade **antirracista?**

Se o racismo é uma estrutura ou sistema de produção e reprodução de desigualdades, enfrentá-lo e eliminá-lo é tarefa de longo prazo e, como diz a canção de Beto Guedes, “vamos precisar de todo mundo”. A boa notícia é que já há muito trabalho sendo feito e não é de hoje. Os movimentos negros e as organizações que se comprometem com o antirracismo já estão atuando faz tempo. Também existe muita gente que, em decisão individual, busca romper com as “regras” que impõem desigualdades a tantas e tantos, e participar da corrente que quer fazer diferente. Confrontar esta estrutura não é tarefa simples e solitária. Mas todas e todos nós, como pessoas interessadas e comprometidas com a criação de uma vida melhor para todo mundo, com a justiça social e com os direitos humanos, devemos assumir nossas parcelas de responsabilidade na transformação do que temos hoje em uma sociedade antirracista.

Não podemos esperar que as pessoas mais afetadas façam todo o trabalho

sozinhas, não é? Deixar tudo por conta deste grupo expõe um privilégio criado pelo racismo.

Se o racismo produz e normaliza as desigualdades raciais, ser antirracista significa questionar as desigualdades e injustiças produzidas pelo racismo. Isso implica, em primeiro lugar, no reconhecimento de que a sociedade é racista. Ou seja, desconfiar do enunciado que diz, sem base na realidade, que não há racismo no Brasil. Ao contrário, é preciso treinar olhos, ouvidos e coração para enxergar o que o racismo faz, estando presente em toda a estrutura institucional e política do país. Enxergar as formas como ele perpetua as desigualdades, mas também como ele se esconde no senso comum e nas ações individuais que reforçam a lógica discriminatória que pauta as relações sociais.

Para que o desmantelamento das estruturas injustas e racistas possa ser efetivo, todos e todas precisamos en-

xergar a raça como um marcador de desigualdade social. É preciso ver quem se beneficia e vive direitos como se fossem privilégios. E, a partir daí, fazer o que está ao seu alcance para romper com o pacto do silêncio racial e transformar as estruturas desiguais.

Não há receita para a solução dos problemas que o racismo cria. Ainda assim, passos importantes podem ser dados por todas as pessoas, a partir da tomada de consciência e da ação na luta antirracista, nos lugares que ocupa. Apresentamos a seguir algumas ideias que podem inspirar esse caminho.

PASSO 1 - ENTENDA O QUE É O ANTIRRACISMO

O racismo é um sistema de poder e privilégio que produz desigualdades, que possui inúmeras camadas e está enraizado na sociedade. Se somos socializados sob uma lógica racista, é provável que nossas ideias e ações reproduzam o racismo e negligenciem as desigualdades raciais.

Quanto mais você aprender sobre o racismo estrutural e sobre o antirracismo, mais facilidade terá para agir de forma diferente, evitando reproduzir o racismo e a discriminação racial e passando a reivindicar direitos equitativos para todas e todos.

RECONHEÇA E PROBLEMATIZE SEU LUGAR DE ACESSO A DIREITOS NA SOCIEDADE RACISTA

Por se beneficiarem direta ou indiretamente do sistema racista, que faz com que o respeito aos seus direitos seja garantido com maior efetividade, pessoas brancas podem ter mais dificuldade em perceber o racismo em seu cotidiano como um problema real. É importante questionar-se, recusar-se a se associar a uma das mais graves mazelas que a humanidade criou. E ainda, caso alguém sinalize que você teve uma atitude racista, cabe refletir, avaliar e buscar formas de evitar que isso se repita.

E lembre-se: é dever de cada pessoa, o seu e o meu, descobrir, estudar e aprender as diferentes formas de não ser racista. As pessoas negras não

têm a obrigação de ensinar as pessoas brancas sobre o racismo. Há muito conteúdo de qualidade disponível gratuitamente, existem organizações disponíveis para desenvolver programas de apoio e aprendizagem. Para que a mudança seja profunda, você pode e deve ser agente da sua própria formação.

PESQUISE EM FONTES CONFIÁVEIS

Toda informação recebida via whatsapp ou compartilhada nas redes sociais deve ser checada, por mais que a gente confie nas pessoas que publicaram ou nos enviaram. Procure aprender sobre o assunto com pessoas que citam suas fontes, pesquisam sobre o assunto e que são consideradas referência.

Abaixo estão alguns conteúdos para começar:



The image shows a screenshot of an Instagram post from the account 'anistiabrasil'. The post features a video thumbnail on the left with a play button icon. The video shows three people holding signs that say 'RACISM' and 'BLACK LIVES MATTER'. A hashtag '#TodaFridayéBlack' is visible in the top left of the video. Below the video, there is a text overlay: '5 conteúdos para refletir sobre o papel de pessoas brancas na luta antirracista'. To the right of the video is the post's caption, which asks 'Pessoa branca, qual o seu papel na luta antirracista?' and provides a list of resources, including the book 'Meu caro amigo branco' by Manoel Soares. The post also shows the user's profile picture, name, and a 'Seguir' button.

Confira [AQUI](#)

CONHEÇA INICIATIVAS ANTIRRACISTAS

Nós da Anistia Internacional Brasil temos parcerias em diversos lugares do Brasil e do mundo que estão atuando em favor do antirracismo em diversas frentes de atuação. São muitas as organizações, grupos de pesquisa, laboratórios de tecnologia, centros de produção de dados, escolas e iniciativas pedagógicas e coletivos de cultura que produzem conhecimento e ação sobre as desigualdades raciais e a luta antirracista.

PORTAL GELEDÉS

Geledés é uma organização da sociedade civil de mulheres negras que defende a superação do racismo e do sexismo. Na plataforma, você poderá aprender mais sobre como a discriminação por gênero e raça resultam em desvantagens e discriminações no acesso de pessoas negras a oportunidades sociais.



OLODUM

Sabia que existem escolas pensando o antirracismo durante o processo de aprendizado? Um exemplo é a Escola Olodum, um espaço de troca de conhecimento que acredita na necessidade da pluralidade cultural para o desenvolvimento de uma educação mais inclusiva. A Escola publica conteúdos produzidos por profissionais da educação e estudantes que podem te auxiliar a abordar o tema com crianças e adolescentes do seu convívio.



Criola é uma organização da sociedade civil com 30 anos de trajetória na defesa e promoção dos direitos das mulheres negras e na construção de uma sociedade onde os valores de justiça, equidade e solidariedade são fundamentais. Criola reafirma que a ação transformadora das mulheres negras cis e trans é essencial para o bem viver de toda a sociedade brasileira. Sua atuação se dá em ações políticas e de mobilização, conhecimento e formação com e sobre mulheres negras. (Fonte: <https://criola.org.br>)



O Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará (CEDENPA) é uma entidade sem fins lucrativos, sem vínculos políticos partidários. Foi fundado em 10 de agosto de 1980 e legalizado em 27 de abril de 1982. No estado do Pará, vem contribuindo no processo de superação do racismo, preconceito e discriminação, que produzem as desigualdades socio-raciais, de gênero e outras, que prejudicam a população negra e indígena.

(Fonte: <http://cedenpa.org.br/index.php/sobre/>)



A Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas - é composta da união das organizações quilombolas nos níveis estaduais e regionais. Atualmente, reúne 24 estados e, a partir do processo de identificação e visibilidade das comunidades quilombolas, atua com um universo de mais de 3.500 comunidades, em todas as regiões do país. São 27 anos de luta por direitos e resistência das comunidades quilombolas.

(Fonte: <https://conaq.org.br/>)

Conheça seus trabalhos, participe de suas campanhas e iniciativas e dissemine seus conteúdos e informações para que outras pessoas também possam conhecer estas organizações.

ENGAJE PESSOAS COMPROMETIDAS COM O ANTIRRACISMO EM SUAS REDES SOCIAIS

As redes sociais têm sido um espaço importante de diálogo, partilha de experiências, publicização de denúncias, disseminação de informação e produção de conhecimento. Porém, as métricas continuam desiguais. Influenciadores negros costumam receber menos do que brancos e ainda lidam com algoritmos que negligenciam a distribuição de seus conteúdos. A internet é um instrumento poderoso de comunicação, mas o racismo também opera no funcionamento das plataformas e mídias sociais.

Você pode desafiar esse cenário. Além de aprender com quem cria conteúdo, ao ajudar a disseminá-lo, você ainda colabora para que o debate sobre o tema chegue a mais pessoas.

PASSO 2: RECONSIDERE SEUS HÁBITOS E ESCOLHAS E AJA PARA A MUDANÇA

Ser antirracista não se restringe a saber que o problema existe. É preciso enfrentá-lo no dia a dia, seja no consumo, no trabalho, na educação ou no exercício ativo da cidadania. Como suas escolhas cotidianas podem contribuir com a mudança? Responda a esta pergunta e passe à prática. E vai descobrir: mudar pode ser muito bom!

RECONSIDERE SEUS HÁBITOS DE CONSUMO E APOIE O TRABALHO DE PESSOAS E EMPRESAS ANTIRRACISTAS

Temas como o empoderamento, a representatividade e a diversidade estão cada vez mais frequentes na publicidade e no mercado de trabalho. Diversas marcas e empresas têm buscado se atrelar a pautas sociais relevantes, mas nem sempre suas iniciativas conseguem ultrapassar a propaganda. É preciso usar o consumo como uma ferramenta de mudança: prestar atenção nas marcas, produtos e serviços que estão verdadeiramente atuando pela inclusão e pelo fim do racismo (que tenham processos inclusivos de

produção, distribuição e propaganda, por exemplo), pressionar e fiscalizar as que não aplicam e apoiar as que estão de fato comprometidas com o antirracismo. Estas escolhas passarão uma mensagem potente, capaz de contribuir para que mais empresas e prestadores de serviço escolham mudar.

Sempre que possível, consuma de fornecedoras e fornecedores, empreendedoras e empreendedores negros e periféricos. Priorize empresas que adotem mecanismos efetivos de ação afirmativa, possuam pessoas negras em seus quadros de liderança e não tenham registro de violações de direitos trabalhistas, acusações de assédio e precedentes de discriminação racial e de gênero.

O Decreto Federal nº 9.571/2018 determina que as empresas respeitem os direitos humanos em seus processos de produção, e monitorem suas cadeias de fornecimento por meio de medidas preventivas de fiscalização, educação e treinamento de funcionários/as. Portanto, se você é uma empresária ou empresário, pode atuar pró-ativamente para garantir a prevenção do racismo em seu negócio. Analise o perfil de seus trabalhadores e trabalhadoras, assim como de colaboradores e colaboradoras e fomente processos seletivos e ações afirmativas que garantam igualdade de oportunidades para todas e todos. Além disso, é importante implementar mecanismos de prevenção ao racismo em sua empresa.



EDUQUE CRIANÇAS E ADOLESCENTES PARA QUE SEJAM ANTIRRACISTAS

As famílias e redes de apoio têm papel fundamental na formação de pessoas antirracistas.

Confira dicas para fomentar uma educação antirracista

1. Fale sobre racismo sem tabus

Refleta com as crianças e adolescentes sobre a existência de um mundo que não trata as pessoas da mesma forma, onde nem todo mundo tem acesso ao que elas acham natural em seu cotidiano.

2. Selecione livros que dialoguem sobre o tema:

Qmç-oba: histórias de princesas por Kiusam de Oliveira

O pequeno príncipe preto por Rodrigo França

Histórias da Preta por Heloísa Pires Lima

Amoras por Emicida

3. Opte por brinquedos e brincadeiras afro-referenciadas:

Jogos e brincadeiras oferecem a possibilidade de criar dimensões mais profundas na relação da criança com suas emoções, sonhos e fantasias. Não deixe de conferir as sugestões de brincadeiras no final do ebook em "Referências".

4. Estimule o pensamento sobre o papel individual na luta antirracista

O racismo não é um problema que deve ser combatido apenas por famílias negras. Oriente sobre a importância de reportar a uma pessoa adulta caso as crianças presenciem algum/a colega agir de maneira discriminatória.

5. Torne a diversidade e o respeito às diferenças algo comum no dia a dia das crianças

Invista para que livros, desenhos, filmes e brinquedos representativos façam parte do repertório das crianças e adolescentes.

6. Corrija termos e comportamentos racistas

Crianças reproduzem aquilo que ouvem. Portanto, você é um exemplo para o comportamento delas.

DEFENDA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Uma escola comprometida com a justiça social e racial resulta em milhares de pessoas engajadas por uma sociedade mais justa. Você pode ser um/a profissional da educação, responsável por estudantes ou apenas uma pessoa interessada em fazer a diferença. O importante é compreender a relevância de um ensino alinhado à garantia dos direitos humanos.

A. Exija o cumprimento de leis antirracistas

O conhecimento da legislação é algo que deve ser compartilhado entre todos e todas, como exercício da cidadania. Saber sobre a existência de leis antirracistas contribui para a garantia de sua aplicação.

O Estatuto da Igualdade Racial é um importante instrumento de garantia de direitos, pois defende o exercício da cidadania, dos valores culturais e religiosos e ainda inclui o aspecto racial nas políticas públicas elaboradas e executadas pelo Estado.

As leis **Nº 10.639/2003 e No 11.645/2008**, que tornam obrigatório o ensino da história da cultura afro-brasileira e indígena nas escolas, embasam a defesa por um currículo escolar que tenha autores não brancos e que não reforce estereótipos, como o lugar de subalternidade ou inferioridade aos quais pessoas negras e indígenas são associadas historicamente.

B. Questione a ausência de professores negros e indígenas

Para alcançar uma educação antirracista, é indispensável que haja profissionais com um olhar sensível aos aspectos históricos e culturais que façam parte da realidade de estudantes de origem negra e indígena e que permitam a identificação entre as partes no âmbito escolar.

Com os avanços das ações afirmativas, essa narrativa tem mudado em diversas escolas, mas ainda é um ponto de alerta. Dados do Instituto Nacional de Estudos

e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) indicam que somente 16% dos professores universitários eram negros em 2017.

Relembre a quantidade de professores negros e negras que você teve durante a infância e faça o mesmo com as crianças e adolescentes do seu convívio.

Dica de série: Por Uma Educação Antirracista - GNT



A minissérie de 5 episódios acompanha famílias em atividades pedagógicas e diálogos pautados em uma educação antirracista, multicultural e em harmonia com a natureza.

VOTE EM CANDIDATURAS COMPROMETIDAS COM O ANTIRRACISMO

Políticas públicas precisam interromper a produção das desigualdades e, ao mesmo tempo, ensinar e promover o antirracismo. Para isso, pessoas antirracistas precisam estar à frente de instituições e organismos que as instituem e realizam. Caso contrário, as políticas vão continuar promovendo a manutenção das estruturas e processos que resultam em desigualdade, injustiças e violações de direitos.

Votar é um direito e um dever de cidadania. Quando for escolher suas candidatas e candidatos, escolha alguém cujas propostas sejam de combate ao racismo. Acompanhe, sempre que possível, o posicionamento dos e das parlamentares, de gestoras e gestores e de administradoras e administradores de políticas públicas sobre a garantia de direitos e enfrentamento às desigualdades. Além disso, fiscalize o cumprimento das leis e políticas antirracistas já existentes e sempre que necessário, tente participar das mobilizações para cobrar a sua efetivação.

PASSO 3 - ENGAJE MAIS PESSOAS NA CAUSA ANTIRRACISTA

À medida que o seu olhar se torna mais atencioso para o racismo e seus desdobramentos, você começa a influenciar os lugares que frequenta e as pessoas com quem convive. As sugestões de atividades a seguir fizeram parte da campanha Toda Friday É Black e foram especialmente desenhadas para que pessoas brancas possam começar um caminho de engajamento na luta antirracista. Elas podem ser úteis para ajudar quem está ao seu redor a se informar e refletir sobre o papel de cada um e de cada uma na garantia de um mundo mais justo. Que tal ter as pessoas que você gosta como aliadas na causa antirracista?



SERÁ QUE VOCÊ JÁ SOFREU “RACISMO REVERSO”?

“Ei, branca azeda!”. Se você é uma pessoa branca, talvez tenha escutado coisas desagradáveis sobre sua aparência. É ruim e inadequado, e deve ser repudiado. Mas saiba: isso não é racismo, muito menos “racismo reverso”. Dificilmente esse episódio irá impactar seu acesso a direitos, serviços e oportunidades, não é peça de uma engrenagem perversa que pode resultar em maiores taxas de exclusão, violência e morte para você e para as pessoas que se parecem com você. Veja: não é um sistema de opressão amplo, ainda que seja ruim.

No Brasil, o racismo privilegia pessoas brancas, por isso a ideia de “racismo reverso” pode significar ignorância em relação ao que o racismo verdadeiramente é. Ou pior: pode indicar desprezo quanto a seus efeitos maléficos. A expressão acaba sendo usada para negar a existência do racismo.

Agora, quando você estiver em um espaço de família e alguém falar em “racismo reverso”, aproveite o percurso desse quiz e oriente a pessoa a perceber que esse conceito não existe.



Acesse [AQUI!](#)

VAMOS OLHAR DE CIMA: O TESTE DO PESCOÇO

O termo “privilégio” incomoda a quem se beneficia dele. Mas, calma! O desconforto é o primeiro passo para a mudança que a gente quer ver (e ser) no mundo.

Então, te convidamos a fazer o “Teste do Pescoço”. Ele consiste em girar o seu nos espaços que você frequenta, trabalha ou consome e observar quantas pessoas negras e/ou indíge-

nas estão por lá e quais posições elas ocupam.

Num país onde 56% da população é negra não é normal que alguns restaurantes, lojas e clubes, por exemplo, não tenham clientes ou associados negros ou que em alguns condomínios e bairros residenciais as pessoas negras sejam apenas funcionárias e não moradoras.

BINGO DOS DIREITOS RESGUARDADOS OU “BINGO DO PRIVILÉGIO BRANCO”:

Todos e todas nós temos direito a uma vida digna, livre de discriminação, a um julgamento justo, a ter nossa subjetividade, integridade e cultura preservadas.

Mas esta não é uma realidade para pessoas que não são brancas. Situações que podem parecer absurdas fazem parte do dia a dia de quem sofre racismo no Brasil.

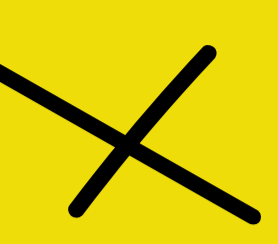
O termo “privilégio branco” se popularizou por aqui e no mundo para sintetizar as diferenças raciais e de tratamento que pessoas brancas e negras enfrentam no cotidiano. As situações abaixo demonstram que pessoas brancas têm seus direitos mais resguardados ou menos violados. Qual a sua pontuação no Bingo do Privilégio Branco?

Cada quadro vale 1 ponto

Posso me dar ao luxo de não discutir ou refletir sobre o racismo	Se eu entrar em uma loja, dificilmente vou ser monitorada ou acusada de roubar alguma coisa	Nunca fui confundida com a babá do meu filho(a)	Nunca fui a única pessoa da minha cor na escola, universidade ou trabalho.	Posso sair de casa sem me preocupar em levar meus documentos
Não fui ensinada a odiar meus traços, meu cabelo e a minha cor	Não sou vista como "barraqueira" ou mal-educada quando exijo meus direitos	Não me preocupo se meu cabelo ou minha cor vão me impedir de arrumar um emprego.	Eu aprendi na escola a História de um povo que tem a mesma cor de pele que eu.	Posso dar minha opinião sem ser vista como uma representante de toda a minha raça.
Não preciso me preocupar ou ter medo de ir preso "por engano"	Sei o país de origem e a nacionalidade dos meus antepassados	#TODA FRIDAYÉ BLACK	Não tenho medo de sofrer violência policial	Eu posso andar na rua à noite sem que as pessoas apertem o passo ao me verem.
Não tenho meu corpo hiperssexualizado	Não carrego a pressão de ter que ser 3x melhor se eu quiser ser bem sucedido(a)	Não preciso me preocupar se vou ganhar menos apenas por causa da minha cor	Cresci vendo pessoas que se parecem comigo na TV, revistas e outdoors	Se eu ver um bom emprego, não vão questionar se estou apenas cumprindo cotas.
Não tenho o medo constante que meu filho seja assassinado(a) pela polícia	Minha beleza nunca foi considerada "exótica"	Quando vou ao médico, não tenho as minhas dores diminuídas ou desacreditadas	Geralmente, as pessoas não tocam no meu cabelo sem a minha permissão	Nunca fui confundida com a funcionária dos espaços de lazer que frequento

Acesse [AQUI!](#)





TODA FRIDAY É BLACK

Não há como os direitos humanos serem plenamente exercidos por todas e todos em uma sociedade plural enquanto a população negra e indígena não tiver pleno acesso à cidadania, à vida, à segurança, à alimentação, à saúde, à educação, à moradia, à dignidade. A campanha “Toda Friday é Black” foi construída por quem se importa com as violências que o racismo produz e deseja dar um basta nessa realidade que afeta milhões de pessoas.

Ao longo de 2020 e 2021, propusemos, por meio de conteúdos nas redes sociais, caminhos para engajar mais pessoas na luta antirracista, especialmente as pessoas não negras.

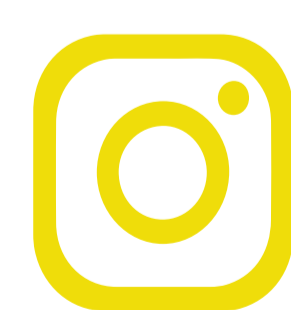
Agora, com este guia em mãos, você também pode fazer parte dessa grande rede que reivindica instituições públicas e privadas antirracistas e que acredita no papel de cada pessoa na fiscalização das leis, na escolha de governantes e nas ações cotidianas.

Esperamos que este material lhe ajude a ser um agente de mudanças nos espaços que ocupa e com as pessoas que convive.

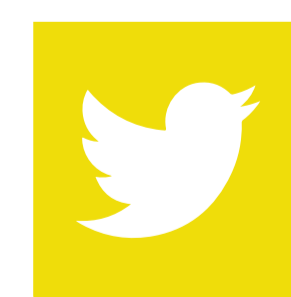
A gente continua esse papo pelas nossas redes sociais. Conte por lá quais atividades você aplicou e como foi.



ACOMPANHE NOSSO TRABALHO:



@anistiabrasil



@anistiabrasil



/anistiainternacionalbrasil

Site: www.anistia.org.br/

REFERÊNCIAS

ARAÚJO FILHO, Severino Pereira de. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil e a cultura afroindígena brasileira**. João Pessoa: UFPB, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/1746/1/SPAF12122016> Acesso em 29/10/2021.

Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais para o Ensino de História Afro-Brasileira e Africana**. Brasil, 2004. Disponível em: <https://editalequidaderacial.ceert.org.br/pdf/diretrizes.pdf>. Acesso em 23/10/2021.

Instituto Ethos. **Perfil social, racial e de gênero das 500 maiores empresas do Brasil e suas ações afirmativas / Instituto Ethos e Banco Interamericano de Desenvolvimento**. São Paulo, 2016. Disponível em https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/Perfil_social_racial_genero_500empresas.pdf. Acesso em 20/10/2021.

Galindo, Eryka; Marco Antonio Teixeira, Melissa De Araújo, Renata Motta, Milene Pessoa, Larissa Mendes e Lúcio Rennó. 2021. **“Efeitos da pandemia na alimentação e na situação da segurança alimentar no Brasil.” Food for Justice Working Paper Series, no. 4. Berlin: Food for Justice: Power, Politics, and Food Inequalities in a Bioeconomy**. Disponível em https://refubium.fu-berlin.de/bitstream/handle/fub188/29813/WP_%234_final_version.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acesso em 23/11/2021.

Geledés - Instituto da Mulher Negra. **18 expressões racistas que você usa sem saber**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/18-expressoes-racistas-que-voce-usa-sem-saber/> Acesso em: 29/10/2021

Geledés - Instituto da Mulher Negra. **Racismo Institucional: Uma abordagem conceitual**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2013/05/FINAL-WEB-Racismo-Institucional-uma-abordagem-conceitual.pdf> Acesso em: 20/10/2021

KENDI, Ibram X., **Como ser Antirracista**. Estados Unidos: Editora Alta Books, 2019 (versão em português 2020)

Moreno, Ana Carolina. **Negros representam apenas 16% dos professores universitários**. Disponível em <https://g1.globo.com/educacao/guia-de-carreiras/noticia/2018/11/20/negros-representam-16-dos-professores-universitarios.ghtml> Acesso em: 01/11/2021.

Nassif-Pires, Luiza; Cardoso, Luisa; Oliveira, Ana Luíza Matos de. **Gênero e raça em evidência durante a pandemia no Brasil: o impacto do Auxílio Emergencial na pobreza e extrema pobreza**. (Nota de Política Econômica nº 010). MADE/USP. Disponível em <https://madeusp.com.br/publicacoes/artigos/genero-e-raca-em-evidencia-durante-a-pandemia-no-brasil-o-impacto-do-auxilio-emergencial-na-pobreza-e-extrema-pobreza/> Acesso em 08/03/2022

IBGE: **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2020**. Disponível em https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/89ec0c1b18b88b2e1b5ad7123becb548.pdf Acesso em 08/03/2022